

OFAIÉS: A História de Um Povo Indígena no Mato Grosso Do Sul

Albecyr Pedro da Silva

Graduando em Jornalismo,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Sidnei Carlos Santos Bonfim Ferreira

Mestre em Comunicação – UFMS;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

RESUMO

Este trabalho relata sobre a cultura e costumes dos índios Ofaié, uma sociedade indígena do leste sul-mato-grossense, localizado no município de Brasilândia (MS), mostrando as suas lutas e ideais e também sobre os órgãos que os ajudam, problemas enfrentados e a importância dos meios de comunicação no processo de apropriação dos direitos deste povo, como um elemento de emancipação da cultura.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; direitos indígenas; povos indígenas; Ofaié.

1 INTRODUÇÃO

A esfera indígena tem sua história marcada pelo genocídio¹ e etnocídio², o usufruto dos direitos fundamentais torna-se ainda mais difícil. Pois sem direito aos seus territórios, a vida dos povos indígenas fica ameaçada. Então, esse é o primeiro desafio da questão indígena.

Nesta perspectiva, o direito à comunicação é também um direito fundamental que contribui na luta pelos demais direitos, pois a partir do momento em que existe o acesso aos meios de comunicação que a heterogeneidade³ de povos e culturas indígenas podem se revelar. E é ainda por esses meios que eles podem partilhar suas reivindicações a sociedade.

Quando se fala em comunicação no Brasil, diferentemente de outros países, não existe nenhum consentimento de canais de comunicação, rádio ou televisão e até mesmo um programa com tal assunto específico, que seja voltado para comunidades indígenas, embora seja extensa e reconhecida a produção de conteúdos de autoria indígena.

Deste modo, busca-se abranger ao longo deste estudo, que atualmente os

¹ Extermínio que, feito de maneira deliberada, aniquila (mata) uma comunidade, um grupo étnico ou religioso, uma cultura e/ou civilização.

² Destruição de uma etnia no plano cultural.

³ Característica do que é heterogêneo, sem uniformidade, coerência e/ou correspondência.

meios de comunicação se fazem necessários, mesmo nas aldeias mais isoladas, pois é preciso informação para que haja embasamento nas lutas por direitos.

2 OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é descrever a história, o surgimento da etnia, a cultura e o processo tecnológico na aldeia dos índios Ofaiés.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Para elaboração do presente trabalho, realizaram-se pesquisas bibliográficas e analíticas de publicações (monografias e dissertações) e em portais específicos a respeito do tema abordado.

A fim de investigar mais detalhadamente, buscaram-se informações sobre a comunidade “*in loco*” com os próprios indígenas.

4 ÍNDIOS BRASILEIROS: Os Verdadeiros Descobridores

Os portugueses não foram os primeiros habitantes do Brasil. Os índios presentes no território brasileiro antecederam o processo de ocupação instituído pelos exploradores europeus, pois conforme estimativa da população indígena brasileira na época da chegada dos europeus, o número era entre 3-5 milhões de habitantes. Devido à restrição ao acesso às informações e carência de fontes escritas limitavam as possibilidades de estudos. Todavia, conforme dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), de 1.500 até a década de 1970, o número de povos indígenas teve uma diminuição acentuada, tendo em vista que muitos foram extintos; esse desaparecimento passou a ser visto como um contingente histórico.

Os mais de 240 povos indígenas somam, segundo o Censo IBGE 2010, 896.917 pessoas, o que corresponde aproximadamente a 0,47% da população total do país. Desses, 324.834 vivem em cidades e 572.083 em áreas rurais. De acordo com a FUNAI, atualmente, as principais etnias indígenas brasileiras são Ticuna, Guarani, Caiagangue ou Caigangue, Macuxi, Terena, Guajajara, Xavante, lanomâmi, Pataxó e Potiguara. Encontram-se distribuídas em todas as 5 regiões do Brasil, porém com maior concentração nas regiões norte, nordeste e centro-oeste (Figura 1).

Figura 1. Localização das tribos indígenas no território brasileiro.



Fonte: Extraído de <https://www.sohistoria.com.br/ef2/indios/p2.php>

4.1 Os Índios na Chegada Portuguesa

O primeiro contato entre índios e portugueses em 1.500 foi de muita estranheza para ambas as partes. As duas culturas eram muito diferentes e pertenciam a mundos completamente distintos.

Os indígenas viviam da caça, da pesca e da agricultura de milho, amendoim, feijão, abóbora, bata-doce e principalmente mandioca. Eles domesticavam animais de pequeno porte como, por exemplo, porco do mato e capivara.

Das matérias primas construíam canoas, arcos e flechas e suas habitações (oca). A palha era utilizada para fazer cestos, esteiras, redes e outros objetos. A cerâmica também era muito utilizada para fazer potes, panelas e utensílios domésticos em geral. Penas e peles de animais serviam para fazer roupas ou enfeites para as cerimônias das tribos. O urucum era muito usado para fazer pinturas no corpo.

A terra pertencia a todos e quando um índio caçava, costumava dividir com os habitantes de sua tribo.

Apenas os instrumentos de trabalho (machado, arcos, flechas, arpões) eram de propriedade individual. O trabalho nas tribos eram realizados por todos, porém possui uma divisão por sexo e idade. As mulheres eram responsáveis pela comida, crianças, colheita e plantio. Já os homens da tribo ficavam encarregados do trabalho

mais pesado: caça, pesca, guerra e derrubada das árvores.

O pajé é o sacerdote da tribo, pois conhece todos os rituais e recebe as mensagens dos deuses. Ele também é o curandeiro, pois conhece todos os chás e ervas para curar doenças. O cacique, também importante na vida tribal, faz o papel de chefe, pois organiza e orienta os índios.

A educação indígena é bem interessante. Os pequenos índios, conhecidos como curumins, aprender desde pequenos e de forma prática. Costumam observar o que os adultos fazem e vão treinando desde cedo.

Quando os portugueses começaram a explorar o pau-brasil das matas, muitos foram escravizados ou recebiam algo em troca do trabalho como: espelhos, apitos, colares e chocalhos. Interessados nas terras, os portugueses usaram a violência contra os índios. Para tomar as terras, chegavam a matar os nativos e até mesmo transmitir doenças. Esse comportamento violento seguiu-se por séculos, resultando no pequeno número de índios que temos atualmente.

4.2 A População Indígena do Mato Grosso do Sul

Os europeus ao chegarem à América, no Século XV, se depararam com uma grande diversidade de povos e culturas. Somente no Brasil estima-se terem encontrado em torno de mil povos distintos e uma população de cerca de cinco milhões de pessoas, que, de acordo com o linguista Aryon Rodrigues (Rodrigues, 1994), falavam pouco mais de 1.200 línguas.

Ao longo destes mais de 500 anos de colonização do Brasil, os povos indígenas foram praticamente dizimados tanto física quanto culturalmente chegando a menos de 200 mil pessoas, na metade do século XX.

O maior desafio enfrentado pelos povos indígenas continua sendo a posse dos territórios tradicionais, base necessária para a sua sustentabilidade e autonomia e um dos fatores mais relevantes para explicar a persistência de elevados índices de pobreza e precárias condições de vida verificada entre muitos povos.

Em 1.919 foi criado o Serviço de Proteção aos Índios, órgão subordinado ao Ministério da Agricultura, que tinha como objetivo alocar as populações indígenas sob a égide⁴ do Estado, através do instituto da tutela, assegurando-lhes assistência e proteção, enquanto tal integração não se efetivasse. Contudo, o objetivo principal

⁴Égide é Proteção; aquilo que pode servir para amparar; o que oferece defesa: todos os cidadãos estão sob a égide da justiça.

da política indigenista oficial, na primeira metade do século XX, era permitir a efetiva e segura expansão capitalista nas áreas ocupadas por populações indígenas. Nesta perspectiva, uma das primeiras áreas demarcadas pelo então presidente do SPI, Marechal Cândido Rondon, foi para o povo Terena, no Mato Grosso do Sul: Cachoeirinha e Taunay-Ipegue. O SPI demarcou, ainda no mesmo período, entre os anos de 1915 a 1928, oito reservas de terra destinadas aos Kaiowá e Guarani, no Sul do Estado de Mato Grosso do Sul, perfazendo um total de 18.124 ha.

Atualmente, o Estado de Mato Grosso do Sul possui uma população indígena estimada em 63 mil pessoas, na qual se destacam os Kaiowá e Guarani, os Terena, os Kadiwéu, os Guató e os Ofaié.

No Estado de Mato Grosso do Sul ainda resistem várias etnias dos povos originários: “São mais de 35 mil pessoas vivendo em diversos pontos do Estado e pertencentes aos povos Terena, Kinikinau, Guarani Kaiowá, Guarani Nhandeva, Guató, Kamba e Ofaié” (DUTRA, 1991, p. 6).

A questão da terra é de vital importância para estes povos, tendo em vista que todos, sem exceção, constroem seu próprio sentido de pessoa e de mundo, a partir da relação com a terra. Em outras palavras, a relação com o território é condição para a reprodução física e cultural destes povos.

Neste sentido, pode-se afirmar que à exceção do povo Kadiwéu, que possui a maior área indígena fora da Amazônia legal (ao redor de 500 mil hectares), os demais povos do Estado de Mato Grosso do Sul estão ocupando reduzidíssimas parcelas do que antigo território em que habitavam antes do avanço das frentes de colonização, nos séculos XVIII, XIX e, sobretudo, no século XX.

4.3 A Caminhada dos Ofaiés

Os Ofaiés, em tempos mais remotos, eram seminômades⁵ e viviam nas terras entre o Rio Paraná, a Serra de Maracaju, e as margens do Rio Verde. Justamente por não habitarem um local fixo, costumeiramente dividia-se em grupos, abrangendo, desta maneira, toda essa extensão territorial ao mesmo tempo, além de estarem em constante movimento quando a caça ou pesca. Eram inimigos naturais dos ameríndios⁶ do oeste do estado de São Paulo, os Kaingang, tendo por vezes sido encontrados pequenos grupos Ofaié também nessa região, aonde iam caçar.

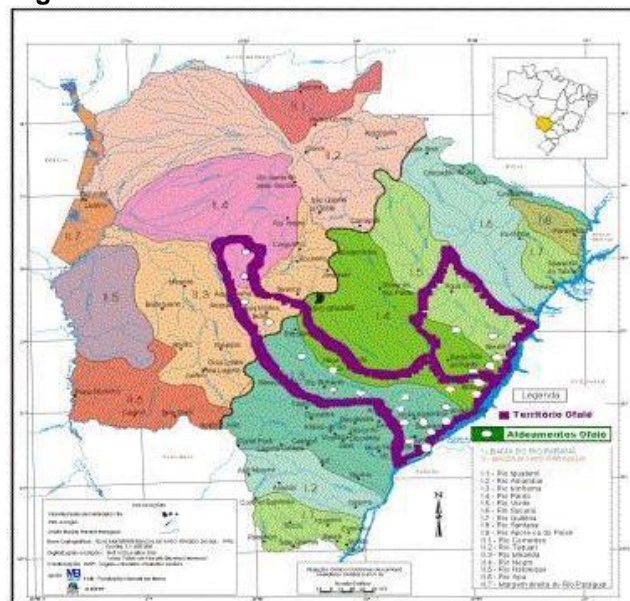
⁵ Seminômades é grupo de pessoas que mantém residência fixa, porém não por muito tempo.

⁶ Ameríndios, diz-se dos índios das Américas.

A partir do século XVIII, os Ofaié começaram a sofrer com as visitas dos bandeirantes paulistas e outras expedições ocorridas na época do Ciclo do Ouro no Brasil. Entre 1716 e 1748, os Ofaié foram encontrados, além de nos rios Paraná e Sucuriú, no oeste do Rio Tietê, no Pardo e no Inhanduí, até o Aquidauana.

No ano de 1840, Joaquim Francisco Lopes, encarregado pelo Barão de Antonina para dirigir a exploração das vias de comunicação entre as províncias⁷ de São Paulo, Paraná e Mato Grosso, registrou os Ofaié nas cabeceiras dos rios Negro, Taboco e Aquidauana, afluentes do Rio Paraguai (Figura 2).

Figura 2. Território e aldeamento Ofaié.



Fonte: Extraído de DUTRA, 2004.

De meados do século XIX em diante, os bandeirantes escravizaram e perseguiram os Ofaié. Durante a Guerra do Paraguai, uma vez, que a ocupação da área por colonizadores brancos, que já se ensaiava desde as expedições de Joaquim Francisco Lopes e a fundação de Paranaíba por Januário Garcia Leal, teve de esperar por um período, os Ofaié tiveram certa paz.

Mas, com o fim dos conflitos do Rio da Prata, além dos bandeirantes, tiveram então de lidar com os primeiros fazendeiros, que atravessaram o Rio Sucuriú.

Este grupo dos Ofaié afastou-se da região onde se encontram o Rio Sucuriú e o Rio Paraná, refugiando-se mais ao sul, até chegarem definitivamente ao sul do Rio Verde, onde hoje se encontra a cidade de Brasilândia.

⁷ Províncias é Divisão territorial, política, administrativa usada em certos países.

De acordo com registros anotados, dão conta de que ao oeste, de meados da década de 1.880 em diante, proprietários de terra de Miranda moveram-se para a Serra de Maracajú e para os Campos de Vacaria, como era chamado o centro da parte sul da antiga província de Mato Grosso, aproximadamente indo da atual Campo Grande à região de Três Lagoas.

No ano de 1890, muitos Ofaié foram transformados em peões das fazendas de pecuária do atual Mato Grosso do Sul. Em 1903, o General Cândido Rondon contactou pacificamente um grupo instalado nos campos do Rio Negro que somava aproximadamente dois mil ameríndios. Em 1907, a Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, em expedição ao Rio dos Peixes, afluente da margem esquerda do Rio Paraná, referiu-se à presença dos Ofaié e outros grupos.

4.4 Ofaié em Brasilândia, MS

A situação dos povos indígenas que ficaram na região do Rio Verde, onde se localiza Brasilândia, não era muito melhor, no entanto. Eram mortos e escravizados por fazendeiros, além de sofrerem com fome e doenças. A situação piorou ainda mais com a chegada da família Hoffig, cujo patriarca comprou uma fazenda que englobava toda a região do Rio Verde e os expulsou de suas terras. Também fez questão de destruir com tratores os cemitérios Ofaié. Pouco ao sul do Rio Verde, Arthur Hoffig⁸ criou a cidade de Brasilândia.

Expulsos de Brasilândia em 1978, com a conivência da FUNAI, foram alojados na região de Bodoquena, no estado de Mato Grosso do Sul, retornando a Brasilândia em 1986. Acampados nas margens do Rio Verde, conseguiram, com a interveniência do CIMI e da FUNAI uma área de terra cedida pelo italiano Luigi Cantone, proprietário do grupo Cisalpina⁹ que aceitou lhes dar uma terra às margens do Rio Paraná, temporariamente.

Com a construção de mais uma hidrelétrica no Rio Paraná, os Ofaié criaram o movimento “Ofaié: Ainda estamos vivos!”, em que pediam a mudança de sua situação. Marcharam em Campo Grande e apareceram em rede de televisão. O INCRA, a FUNAI e o Governo do Estado sob pressão de Agências Internacionais de

⁸ Arthur Hoffig foi fundador de Brasilândia-MS, que iniciou revolucionando os sistemas de pastagens no Estado e contribuiu em todas as áreas para o desenvolvimento da região.

⁹ Cisalpina é um dos últimos remanescentes significativos das formações vegetais características da planície aluvionar do rio Paraná no trecho compreendido entre os municípios de Três Lagoas e Rosana (SP), com extensão de cerca de 300 quilômetros.

Apoio finalmente foram forçados a reconhecer a existência dos Ofaié, o que até então ainda lhes era negado.

4.5 História Atual

Em 1992, a Terra Indígena Ofaié-Xavante, situada no município de Brasilândia-MS, foi declarada de posse permanente dos índios (Figura 3). Contudo, a área estava ocupada por fazendas e foi contestada por seus proprietários. Os Ofaié tiveram então que ficar provisoriamente em outro terreno, que anos depois seria inundado para a formação da represa da Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta em Porto-Primavera. Somente em 1996, as contestações à Terra Indígena foram julgadas improcedentes em despacho do Ministro da Justiça.

Figura 3. Vista aérea da aldeia indígena Ofaié, situada no município de Brasilândia, MS.



Fonte: Extraído do sítio virtual Google Earth.

Figura 4. Alunos índios Ofaiés da aldeia fazendo atividades em sala de aula.



Fonte: Extraído do Blog Carlito Dutra (<http://carlitodutra.blogspot.com/2018/05/para-as-artesas-da-alma-silvia-e-heloisa.html>).

4.6 Língua

Atualmente, em torno de cinco a seis pessoas falam a língua Ofaié. Frequentam a Escola Municipal Ofaié-E-Iniecheki, que funciona na própria aldeia, com uma professora não indígena que atende uma turma, de cerca de 15 alunos. Até 2004, havia um professor indígena. A cartilha utilizada é a da rede municipal de ensino (1^a-4^a séries). A Figura 4 apresenta alguns alunos fazendo atividades em sala de aula.

4.7 Aspectos Culturais

Antigamente, os Ofaié viviam da caça, pesca e coleta de frutas e mel. Com a chegada da chuva, aparecem os frutos e os animais atraídos por elas. Era, portanto,

a época das caçadas. Nessa ocasião também se colhia o mel, tanto que ficaram conhecidos como “O povo do Mel”. Como ficavam fora da aldeia por vários dias, eles construía abrigos provisórios para passar a noite.

Sempre moraram em casas com troncos de árvores e cobertas com folhas de palmeira ou sapé. Não havia paredes, mas o telhado quase chegava ao chão. Configurando um círculo, as casas formavam no centro da aldeia um pátio, onde ocorriam os rituais.

Na época do frio, dormiam em buracos cavados no chão, forrados de capim e envoltos em peles de animais. No centro da casa também acendiam uma fogueira. Durante a seca, os rios ficavam com pouca água, o que facilitava a pesca. Nesse período, os Ofaié mudavam-se para a beira dos rios. Com a fartura de peixe, eles realizavam grandes festas.

O trabalho na aldeia é repartido entre os homens e as mulheres. Entre os homens, os jovens se encarregavam da caça e os demais cortavam e traziam a lenha do mato, faziam as casas, os arcos e as flechas. As mulheres, mesmo as meninas, realizam os trabalhos caseiros, colhiam frutos e mel. Também preparavam as fibras para as cordas dos arcos. Outra atividade feminina é a preparação do cauim, que é uma bebida feita com milho fermentado e muito utilizada nas festas.

Em relação à música, seus instrumentos preferidos eram a flauta e um pequeno chocalho. O canto era formado por um coro de várias vozes, em rituais que incluíam danças e consumo de cauim. Nos dias atuais, os Ofaié não dedicam mais o seu tempo à música.

5 DOCUMENTÁRIOS

5.1 Definições e Conceitos

A ideia do cinema em registrar fatos cotidianos acerca de assuntos diversos, sejam eles sobre pessoas e animais, que nasceu o documentário. Ao observar a história, nota-se que as primeiras evidências acerca deste gênero, partiram das concepções de Robert Flaherty, que contou em seu vídeo documentário a vida dos esquimós.

De acordo com as percepções do jornalista Fábio Sola-Penna, Flaherty apresentava em seus documentários um modo representativo da realidade, contemplando o cotidiano.

Um dos preceitos do conceito de documentário está nas concepções de que este se trata de um registro de acontecimento “*in loco*”, portanto, no ano de 1918 Dziga Vertov desenvolveu, na extinta União Soviética, outra compreensão do gênero que diferentemente da teoria estabelecida por Flaherty, na qual baseava-se na captação imutável do cotidiano, Vertov instituiu o *Kono-Pravda* (Cinema- Verdade), tornando-se responsável pela inovação do modo de captação das imagens. Sendo que em seguida, a expressão “documentária” foi aplicada para indicar um gênero de filme com características particulares.

5.2 A História dos Documentários no Brasil

No âmbito brasileiro, pode-se dizer que documentário atravessou diversas transformações, conforme as influências europeias ou até mesmo da própria política nacional. Essas variações podem ser verificadas ao longo de décadas.

Os primeiros vídeos documentários brasileiros feitos elaborados pelos donos de cinema, tendo como finalidade o registro de sua realidade, além de ser uma alternativa de entretenimento aos espectadores. Durante o início do século 20, múltiplos trabalhos apareceram ao longo de toda extensão nacional.

Ainda segundo Altafini na Bahia surgiram, Rubens Pinheiro Guimarães, Diomedes Gramacho e José Dias da Costa, documentaristas que retratavam os costumes locais.

Nos anos de 1913-1930, em Manaus, Silvino dos Santos retratou em seu vídeo documentário a questão dos coronéis e comerciantes da borracha na a região amazônica.

No início do XX, os documentários eram custeados por empresas e instituições da elite ou dos denominados cinejornais que, durante as décadas de 30 e 40, apoiaram a produção e venda destas produções.

Inicia-se na década de 1950, um novo momento político, no qual o socialismo e o capitalismo contrapõem. Fundamentando-se no trabalho de Altafini, é notável que, ao longo deste período, as obras cinematográficas brasileira recebem influência comercial americana.

A partir de 1952 as produções do cinema brasileiro começaram a ser debatidas nos congressos nacionais e estaduais.

Os novos documentaristas romperam com o modelo clássico a partir da inovação do gênero e da linguagem. Tais inovações deram início ao novo estilo de

produção cinematográfica denominado de documentário moderno. Marcelo Ridenti realça, no livro *Em busca do povo brasileiro*, o novo período em que o cinema nacional vivia na década de 1960.

A nova visão do cinema, influenciada pelos movimentos cinematográficos europeus, dá espaço para a produção de documentários autorais, em que cada tema é abordado com sua própria linguagem, sem padrões pré-estabelecidos.

Nesse período, a linguagem e a montagem do documentário passam por transformações expressivas. A partir do novo modelo de produção, os cineastas deixavam claro para o público que aquilo era um filme e, por isso, na montagem utilizavam colagens experimentais, com locução não linear e outros mecanismos que permitiam a interpretação do próprio espectador diante da realidade apresentada.

Influenciado pela nova linguagem utilizada pelos adeptos dessa vertente cinematográfica, o produtor, fotógrafo e realizador Thomas Farkas, uma das mais atuantes e importantes personalidades do Cinema Novo, saiu com sua equipe pelo Brasil para fazer filmes sobre a cultura popular, em especial sobre as tradições do homem do campo nordestino.

A falta de condições e de recursos caracterizada no Cinema Novo foi incorporada pelos cineastas. Uma nova linguagem nos documentários brasileiros foi impulsionada por Glauber Rocha denominada de “Estética da Fome”. Conforme afirma Altafini, os filmes documentais com enfoques de esperança do povo nordestino começam a ser produzidos. Um exemplo é *Viramundo*, de Geraldo Sarno, que demonstra a trajetória do migrante nordestino em São Paulo. Esse filme ficou consagrado por conseguir resistir à ditadura militar e abordar, de forma crítica, a situação de pobreza que grande parte da população brasileira estava vivendo.

Ele ainda ressalta a participação de Eduardo Coutinho, com o filme *Cabra Marcado para Morrer*, lançado em 1984. Altafini o caracteriza como o filme mais importante na história do documentário brasileiro, o qual demorou 17 anos para ser finalizado em decorrência da censura militar de 64.

Nos anos 1980, o documentário brasileiro passa a ser mais analítico¹⁰ e delimitado para reconstruir novos olhares sobre o passado. Inicia-se então, uma busca pela memória fílmica do país que se estende às décadas seguintes.

¹⁰ Analítico que procede por análise; que apresenta tendência para a análise; que conduz análises ou tem o hábito de conduzi-las.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta os conceitos estudados, esse breve recorte teórico buscou entender sobre tudo o que envolve o surgimento do vídeo documentário, e os processos atuais. Nota-se que o teórico também apresenta a história da comunidade indígena Ofaié em Brasilândia no Estado de Mato Grosso do Sul, desde a cultura ao processo de tecnologia dentro da etnia, frente à realidade atual.

REFERÊNCIAS

ABEP. Demografia dos Povos Indígenas no Brasil. RJ: Editora Fiocruz/Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2005.

ALTAFINI, T. Cinema documentário: Evolução histórica da Linguagem. In: Recensio: Revista de resenhas de comunicação e cultura. Lisboa-Portugal, 1999. <http://bocc.ubi.pt/pap/pag.texto.php3/html3/html2=altafini-thiago-cinema-documentario-brasileiro.html>.

AUTORES, D. (14 de 04 de 2018). Quantos São, Disponível em Povos Indígenas no Brasil: <https://pib.socioambiental.org/pt/Quantos_s%C3%A3o%3F> Acesso em 18 de maio de 2018

AZANHA, G. As terras indígenas Terena no Mato Grosso do Sul. In: Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília, v. 2, n. 1, p. 61-111, jul. 2005.

BORGONHA, M. C. História e Etnografia Ofayé: Estudo sobre um grupo indígena do Centro-Oeste brasileiro. Dissertação de Mestrado em Antropologia, UFSC, 2006.

BLOG CARLITO DUTRA, O artesanato Ofaié e a admiração da Comissão Geográfica, Disponível em <http://carlitodutra.blogspot.com/2018/05/para-as-artes-da-alma-silvia-e-heloisa.html>, acesso em 17/05/2018.

BRAND, A. O confinamento e o seu impacto sobre os Pãi/Kaiowá. Dissertação de Mestrado em História/ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1993.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Atualizada até a EC N.99/2017, 10ª edição, São Paulo: Ed. Manole, 2018.

CUNHA, M. C. da (Org.) História dos Índios do Brasil. São Paulo/SMC/Companhia das letras, 1992.

CUNHA, M. C. da (Org.) Os direitos do Índio, ensaios e documentos. São Paulo: Brasiliense; Comissão Pró-Índio de São Paulo, 1987.

DUTRA, C. A. dos S. O território Ofaié pelos caminhos da história. Reencontro e trajetória de um povo. Dourados-MS: UFMS, Campus de Dourados, (Dissertação de Mestrado), 2004.

FARIA, T. A realidade popular. In: Correio Brasiliense. Brasília, 2003. http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20030126/pri_cul_260103.htm. Acesso em: 13 de agosto de 2018.

FUNAI. Disponível na Internet em <<http://www.funai.gov.br>>. Acesso em 26/03/2018.

FLORENCE, H. Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas (1825 a 1829). Trad. Visconde de Taunay. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1941.

LIMA, A. C. Um grande cerco de paz: poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA, Carneiro, Breve história Ofaié, Disponível em < http://www.ndh.ufms.br/?page_id=712>, acesso em 18/05/2018.

“OS ÍNDIOS NO BRASIL”. Disponível em< <http://www.sohistoria.com.br/ef2/indios/>>. Acesso em 26/03/2018.

PENAFRIA, M. O filme documentário: história, identidade, tecnologia. Lisboa: Cosmos, 1999.

POVOS INDÍGENAS DO BRASIL, Dutra, Ofaié, Disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/ofaie/1969>>, acesso em 17/05/2018.

PROJETO ANTROPOLOGIA, Borgonha, História e Etnografia Ofayé. Disponível em < <http://www.antropologia.com.br/divu/colab/d37-mborgonha.pdf>>. Acesso em 13 de maio de 2018.

RIBEIRO, D. Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. 7. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RODRIGUES, A. D. Línguas Brasileiras, São Paulo: Ed. Loyola. 1994.

RODRIGUES, A. F. O povo Ofayé. Terra Indígena, Centro de Estudos Indígenas, UNESP, Araraquara, Ano VIII, nº 58, p. 29-38, jan/mar 1991.

SOLA-PENNA, F. O documentário: captar a realidade. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2002. <http://www2.uerj.br/%7Eefcs>. Acesso em: 13 de agosto de 2018.

SOUSA, R. G. Índios no Brasil; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/indios-brasil.htm>>. Acesso em 13 de maio de 2018.

CASTRO, E. V. de; SEEGER, A. Terras e territórios indígenas no Brasil. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 1978.